

Através do caleidoscópio: encantarias da bruxa de Évora na Amazônia

Scarleth Yone O'HARA
Universidade Federal do Pará.

ABSTRACT: Folk tales about the Évora Witch have taken part of the Iberian vocabulary since the Middle Ages, when the persecution mark of Inquisition was engraved in iron and fire in that peninsula, mainly in Portugal. The hunting of witches and people that supposedly had pact with the devil was so strong and violent that became registered in the collective unconsciousness of local inhabitants. So, the city of Évora became known as the place where the force of Inquisition was mostly present, as well as for being a place sacred to the supernatural, to the witchcraft. This was so that, centuries after the Middle Ages, the force of such legendary character – the Évora Witch, also known as the Twisted Moor – remained untouched in the Portuguese folklore and came to the Colonial Brazil together with the caravels during the discovery of the country. Its fame surpassed physical and chronological barriers and its magic grew roots and ramifications blending with local Indians religions.

PALAVRAS-CHAVE: bruxa; lendas; imaginário.

Enquanto eu pesquisava sobre uma personagem que viveu em Évora, durante a Idade das Trevas, o Brasil comemorava 500 anos e louvava Portugal pela descoberta deste paraíso que deve ter sido nossa terra virgem aos olhos lusitanos, na hora espantosa da chegada.

Eles vinham com a Cruz de Cristo vermelha sobre o branco das velas das suas naus. Traziam fome, sede e o voraz desejo de ouro. Mas traziam também sua tradição, seus costumes, as lendas portuguesas, nascidas dos povos que fizeram sua etnia – iberos, romanos, fenícios e mouros; e nos legaram, junto com o cristianismo, esse fabuloso lendário.

Em 1500, o Renascimento desencadeou um processo de descristianização da Europa ao valorizar o humanismo, o materialismo e o paganismo, mas Portugal não abriu mão do amor a Cristo, e o infiltrou em toda terra por ele conquistada. Mas o cristão português acreditava também em mouras tortas, almas penadas, lobisomens; e os guardou em seus baús na viagem pelo mar tenebroso. Eles sentiam no oceano, dragões escamosos, serpentes esverdeadas, o inferno medievo, como bem descreveu o famoso carnavalesco, no enredo apresentado por uma escola de samba do Rio de Janeiro no Carnaval de 2000, que mostrava as visões de paraíso e de inferno presentes no Brasil.

Essas histórias foram tão importantes para o povo brasileiro, que um marco de pedra fincado em 1501 por navegantes portugueses no litoral do Rio Grande do Norte, que possuía a cruz da Ordem de Cristo e o escudo português esculpidos em relevo, é hoje cultuado como objeto sagrado por comunidades da região de Pedra Grande. O culto à pedra resistiu ao tempo: agora é ela é chamada “Santo Cruzeiro” e faz curas. Assim, o lendário de nossos colonizadores continua vigoroso em pleno século XXI. Adaptou-se à umbanda, trazendo para ela os santos protetores que estão em cada altar de tendas e abacás: São Sebastião, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, São Jerônimo, São Jorge, São Lázaro. E uniu-se ao folclore negro ioruba e ao indígena, dando origem ao folclore nacional. É esta tradição, esse mundo mágico que envolve a vida da Bruxa de Évora.

Mas, por que escolhi uma personagem medieval? Por que quis mostrar seus trabalhos e encantarias? Porque há uma teoria entre escritores e intelectuais, entre eles Vacca (seu criador) e Umberto Eco, um dos mestres da literatura contemporânea, de que poderemos entrar numa nova Idade Média após o colapso total do sistema em que vivemos. Essa teoria não é de todo incabível porque a bruxaria está de volta em todo o mundo, porque o cristianismo está exagerado e ocorre o crescimento de seitas muçulmanas, penetrando em redutos cristãos, como o fizeram na Idade das Trevas. Populações de rua surgem em todas as grandes cidades. Isto tudo era comum nos anos do

feudalismo. Como ocorreu no primeiro milênio, a fome e o medo acompanharam o homem do fim do segundo milênio. Teremos uma nova Idade Média?

Todos os filmes que batem recordes de bilheteria falam sobre magia, feitiços, armas encantadas. Assim, vamos olhar de perto nosso personagem, a bruxa da cidade de Évora, em Portugal, rezadeira, feiticeira, cartomante, um dos aspectos Lilith da mulher. Em resumo, uma mulher só, em busca de sua sobrevivência. E em tudo isso aparece a envolvente beleza da Grande Mãe, Ishtar, Diana, Fortuna, Afrodite, Vênus, a Madona.

Certamente, a Bruxa de Évora é uma figura lendária, mas seu mito é tão forte no inconsciente do povo português, que, quando os navegadores lusitanos começaram a abrir caminho pelo oceano, a trouxeram junto com o medo dos monstros marinhos e a crença no lobisomem, na moura torta e em São Barandão (que diziam ter descoberto novas terras a ocidente). E ela, a Bruxa, passou à História.

Quando veio para o Brasil, a Bruxa de Évora não surgiu montada num dragão, nem numa tosca vassoura. Ela veio, como alma penada, vista pelos marujos da armada portuguesa, nas noites de tempestade. Veio nos baús de madeira, nas conversas, no jogo de dados da marujada, nas histórias do capelão. E por aqui ficou...

Quando as últimas naus saíram de Portugal, alguns juraram ver a velha em seu bode alado, toda branca, pois agora era uma alma, dançando no ar... era no tempo do rei D. Manuel, o Venturoso. Era no tempo das encantarias. Almas sem rumo vagavam pelos céus. O diabo tinha vindo na proa do navio, mesmo com a bandeira da cruz...

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, envolveram-se com os índios e com eles aprenderam sua magia e suas lendas. Conheceram a história do pio da Matinta-pereira, ave agourenta dos nossos índios, que trazia notícias ruins. Para os portugueses, esses pios e esses vôos em volta das cabanas lembravam o vôo das bruxas de suas terras. E a ave Matinta-pereira tornou-se a bruxa da noite, que andava rondando os casebres.

Assim, os mitos foram-se fundindo. No dia da Páscoa de 1503, quando alguns dos marinheiros da expedição de Afonso de Albuquerque rezavam, os pios da Matinta-pereira acordaram os que estavam dormindo. Todos tremeram de medo e juraram que era a alma penada da Bruxa de Évora que andava assustando em Lisboa, que tinha vindo para o Brasil assustá-los novamente.

Roiz, marinheiro e contramestre de uma nau portuguesa dos tempos do descobrimento, assim contou: “Quando parti da cidade de Lisboa para o Brasil era noite negra. Vi presságios. Digo ao senhor! Vi serpentes no mar tenebroso, mas vinha em busca do pau-brasil e fiquei firme. No Brasil, me dei com uma índia mui bela, mas a mãe dela aparecia de Matinta e assobiava à

noite. Era a Bruxa de Évora que, não contente em nos atacar lá nas nossas santas terras, vinha aqui que é terra de caipora”.

Pedrim, criado do capitão desse navio, assim repetiu: “A Matinta e a Évora andam juntas voando nos ares, nas noites, querendo a nossa morte.”

A Matinta-pereira, agora bruxa medieval, vinha à noite e assobiava. Só parava quando lhe ofereciam café ou fumo. E de manhã, a velha feiticeira vinha buscar o que lhe haviam prometido, o café ou o fumo de rolo. Quando ela morria, sua filha herdava o dom de Matinta ou bruxa. Assim, a feiticeira de Évora foi surgir séculos depois de morta, nas aldeias da costa brasileira, envolta nas lendas da Matinta, ave de bruxos, amiga de pajés escondidos nos matos, uma entidade maléfica que, invocada, vinha fazer estrepolias no negrume da noite virgem.

A Bruxa de Évora ressurgiu da mistura das crenças e dos ritos de índios e colonos, gerando o Catimbó, primeiro culto sincrético do nosso país. O Catimbó é feitiço, bruxedo, coisa-feita, com seu receituário, seu espiritismo, seus conselhos de bem-viver, seus amuletos e dietas para afastar fantasmas e mulas-sem-cabeça. Segundo Câmara Cascudo, está cada vez mais próximo do baixo espiritismo, embora inicialmente fosse centrado na medicina herbácea e na feitiçaria de São Cipriano e da Bruxa de Évora. No Catimbó não há filhas-de-santo, nem roupas especiais, nem comidas votivas, nem decoração. O chefe, o curandeiro é quem comanda tudo. A liturgia é simples; o mestre defuma o ambiente e os assistentes, e recebe seu guia.

Pajelança e missa, bruxaria européia e remédio de pajé, este era logicamente um bom lugar para Cipriano de Antioquia e a mestra de Évora. E a nossa bruxa de Évora aparece lá, enrolada em seus panos velhos, alma acostando nos médiuns. Não trazia canto (linho), mas sim uma reza forte. Lá baixou (ou “acostou”, como dizem) a bruxa de Portugal. E deu receitas, remédios, fórmulas ancestrais de magia, fez casórios e aparou meninos. Parteira, boa cartomante, ela continuou seu trabalho – assim o crêem...

Quando chegou pela primeira vez, a mestra cantou um linho estranho, falando de terras distantes, de brigas entre mouros e cristãos, de panelas de barro e cheiro de rosmaninho... O catimbó nesse dia ficou silencioso e muitos juraram que uma visagem passou por suas cabeças. Não era santo, nem pajé sábio, era uma velhinha branca, com seu mocho às costas...

Muitos catimbozeiros juram que a Bruxa de Évora passa a noite montada num cavalo fantasma... É, ela fez muita coisa no Brasil colônia... No Catimbó, o povo acredita no cavalo fantasma, animal assombroso que apavora as estradas. Ninguém o vê, mas o sente passar, ouvindo as passadas firmes. Uma luz clara dele emana, que desenha na rua o seu vulto.

Como não poderia deixar de acontecer, a Bruxa de Évora também entrou na umbanda. Feiticeira, mandingueira, curadora, foi incorporada à legião das Pombas-giras. Mas ela não é uma entidade jovem e sensual; ao contrário, é velha e sábia como todas as antigas bruxas, que atingiram a idade da sabedoria e do desprendimento das necessidades do corpo.

Sua pele é morena e marcada pelas rugas da idade. O cabelo, ainda negro, é preso em um coque simples e sem vaidade. Seu vestido vermelho é quase um farrapo, com a blusa pendendo

de um dos ombros e a saia curta mal ajustada em torno das pernas. Descalça e sem adornos, a bruxa segura a vassoura na qual voa pelas encruzilhadas.

Seu rosto sério, mas benevolente mostra que ela prefere fazer feitiços para curar, proteger e promover a felicidade das pessoas que a procuram; mas os olhos brilham com a luz maliciosa de quem vê além das aparências. Sugerem que ela poderá promover surpresas indesejadas a quem a tratar mal ou fizer pedidos mal-intencionados, mas que também poderá proporcionar soluções inesperadas para os problemas de seus consulentes.

Já a Bruxa de Évora na voz dos cantadores, pode ser vista e sentida nos catimbós do Nordeste, surgindo muitas vezes na voz dos repentistas e correndo as feiras e acampamentos. O cantor popular dos Estados do Nordeste é um representante legítimo de todos os bardos e menestréis medievais, dizendo pelo canto, improvisado ou memorizado, a história dos homens famosos da região e as aventuras de caçadas, de brigas, de assombrações e de caiporas. E eles cantaram a vida da Bruxa de Évora, acostada nos mestres do catimbó ou alma penada solta, Matinta-pereira assobiando pelos telhados, a bruxa mais famosa de Portugal. Quando eles cantam, cem olhos se abrem, contentes com as estripulias da velhota valente. Assim como os doze Pares de França e Dom Sebastião de Portugal, a Bruxa de Évora e São Cipriano são gigantes do povaréu, de cá e de lá, combatendo em desafio, com suas forças mágicas em riste. Na ingenuidade dos cantadores, menestréis da caatinga, ela viveu novamente e entrou nas rezas das rezadeiras populares.

“ Lá vai a Bruxa de Évora
com seu gato feiticeiro.
De dia trabalha no mato,
De noite com seu candeeiro. ”

Reessoam os chocalhos, o fumo de tauari enche a sala pobre, mestres rezam suas rezas antigas, cantam linhos, São Cipriano acosta e bota mesa para a esquerda. Tem por companheira de outro mundo a Bruxa, com seu canto, seu mocho, seu bode voador, seu dragão formoso. É noite enluarada, luar do sertão no Brasil...

Referências bibliográficas

- BROOKESMITH, Peter. *Seres fantásticos e misteriosos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- FARELLI, Ana Lúcia. *Iemanjá e o complexo mundo da Grande Mãe*. Rio de Janeiro: Eco, s/d.
- FARELLI, Maria Helena. *Rituais secretos de magia negra e do camdomblé*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.
- JONES, Evan; VALIENTE, Doreen. *Feitiçaria, a tradição renovada*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.